

## BAHIA: UM CORPO QUE CANTA E DANÇA (I)

Zélia de Jesus de Lima\*

**RESUMO:** *O texto mostra a relação íntima entre baianos e festas populares que, por meio de suas barracas, delimitam territórios, percebendo-se cheiros, sabores, música e dança, além das relações culturais produzidas durante o evento. O estudo das barracas é um atalho para compreender a Cidade de Salvador e suas festas na contemporaneidade. Destaque para uma interface entre esses cheiros e sabores dos produtos preparados por negras baianas e os pratos feitos ou esquentados no forno de microondas.*

### BASE TEÓRICA

O objeto de estudo é a importância cultural das barracas instaladas na periferia das Igrejas de Senhor do Bonfim e Senhora Santana, no Rio Vermelho, focalizando a culinária, a música e a dança como traços de identidade associados à cultura que reúne o sagrado e o profano.

A idéia de cultura surgiu no século XIX, marcada pelo desenvolvimento da indústria e ciência, na Europa Ocidental, como síntese dos termos *Kultur* e *Civilization* defendidos por estudiosos alemães e franceses. O termo alemão simboliza aspectos políticos e espirituais de uma comunidade, o francês, as realizações materiais de um povo. Em 1871, o etnólogo Edward B. Tylor, em “Primitive Culture”, sistematiza o primeiro conceito de cultura, concebendo-a como *o todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelo homem.*

Apesar de esse conceito ser considerado um reflexo dos discursos evolucionista e/ou positivista, expressando a cultura como uma disposição inata, trouxe uma contribuição importante à ciência, ao perceber as relações entre Natureza e Cultura. Com isso, rompeu-se o monopólio do saber, detido por pensadores da igreja católica sob a ótica do teocentrismo.

Coube à antropologia a missão de discutir a diversidade cultural, e foi duramente criticada por defender posições ligadas ao etnocentrismo. Tylor aborda a diversidade cultural como um resultado da desigualdade dos estágios evolutivos de cada sociedade, ou seja, interpreta a cultura como um princípio evolucionista linear (LARRAIA, 1986: 25).

É a partir de Franz Boas, *The Limitation of Method of Anthropology*, nas primeiras décadas do século XX, que a antropologia dedica-se a reconstruir a história dos povos primitivos comparada com a vida social de outros povos, ressaltando a multilinearidade (CUCHE, 1999: 39-41). Nas décadas seguintes, a cultura foi interpretada como um “sistema de símbolos e significados”. Claude Lévi-Strauss tenta descobrir a estrutura das formas sociais, imaginando a cultura como uma criação acumulativa na mente humana. Anterior a este momento, Max Weber via o homem como um animal preso a uma teia de significados criada por ele mesmo (LIMA, 2000: 15-19).

Partindo desse raciocínio, Clifford Geertz, em *A Interpretação das culturas*, explica que a teia e seu discurso eram o que podia ser chamado de cultura. Sugere ainda que os antropólogos deviam desvendar os significados das culturas estudadas, estabelecendo relações entre si para

---

\* Mestra em Ciências Sociais/ Professora de Cultura Brasileira do Instituto de Letras da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

uma interpretação semiótica do objeto de estudo. De acordo com o autor, uma boa interpretação da cultura só acontece no interior destas relações (informante e textos), que favorece o levantamento de dados etnográficos para a criação de teorias. A cultura para Geertz não representa *um poder – mas algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, vistos como uma descrição densa* (GEERTZ, 1973: 38-40).

Não há dúvida de que precisamos entender as relações entre cultura e identidade. Estas relações não se polarizam, complementam-se na medida em que as identidades individual e coletiva entram em jogo numa dimensão global/ local. No final do século XX, com a influência da mídia na sociedade, modifica-se a maneira de pensar o Homem e a Cultura. Houve uma mudança estrutural, fragmentando e/ou deslocando as identidades, de acordo com o pensamento de Stuart Hall. O homem como sujeito é visto a partir de três concepções diferentes: a do Iluminismo, a Sociológica e a do pós-moderno. A primeira baseava-se na concepção de um indivíduo centrado, unificado, inspirado na Razão; a segunda estabelecia relações entre o “eu” e “outro”, considerando os valores, os sentidos e símbolos da cultura; a terceira não tem uma identidade fixa ou permanente, apresenta-se de forma fragmentada, múltipla (HALL, 2002:10-13).

Nesse sentido a identidade é um produto síntese das transformações culturais que, apesar de sofrer a influência dos meios de comunicação de massa, adquire um novo perfil com o movimento da globalização – o do hibridismo cultural.

Será que devemos pensar na idéia de pertencimento a uma cultura sem associá-la à sociedade na contemporaneidade? Homi K. Bhabha aborda o local da cultura, destacando a identidade nacional que emerge dos processos das comunidades imaginadas; as nações marcadas pelo consumismo global também criam espaços para identidades que são partilhadas com o supermercado cultural. De acordo com essa lógica, a idéia de pertencimento fundada em lugares, histórias e tradições, em suma, as identidades se distanciam e se aproximam desse supermercado pelas relações local/global.

Bhabha, ao interpretar os Estados-Nações como narrativas, mostra que eles perdem as origens nos mitos do tempo, efetivando de modo pleno seus horizontes na mente (BHABHA,1998:198-214). Neste caso, a questão do pertencimento aparece como um fantasma, caso as origens dos “mitos” nacionais não sejam discutidas. É preciso pensar em termos de novos modos de articulação dos aspectos particulares e universais da identidade, ou estabelecer formas de negociação entre identidade nacional e a idéia de pertencimento.

Este discurso se presta como um guia para refletir os processos culturais das barracas (música, dança e culinária) vistos como caricaturas singulares do convívio entre sagrado e o profano, podendo considerá-los possíveis elementos da construção de identidades.

## 2. LEITURAS DA BAHIA

A Bahia, em seu sentido urbano, é um lugar marcado pelo encontro de culturas e diversidade; passa a ser lida por escritores e artistas, traçando perfis que são significativos para a compreensão de nosso objeto de estudo.

**2.1** Alguns cronistas e viajantes do século XVII viram a cidade do Salvador como uma *ágora*, um mercado que não pára de crescer. Jean Marcel Carvalho França, em seu texto *Como era gostoso meu Brasil*, refere-se à visita de François Froger a Salvador, em 1696, na véspera da Festa de Corpus Christi. O visitante, em companhia do Governador D. João de Lencastre, observa e descreve questões ligadas ao comércio, à procissão que anda em cortejo pelas ruas do

centro da cidade, incluindo cantos e danças e o luxo de seus participantes ligados à elite local; ao mesmo tempo, tece críticas à presença dos negros que faziam barulho com seus divertimentos e atabaques. Faz ainda um elogio tanto à posição geográfica do porto quanto a seu movimento comercial (FRANÇA, 2001).

**2.2** Os artistas Gilberto Gil (atual Ministro da Cultura) e Dorival Caymmi leram a cidade do Salvador e a cantaram no dia Dois de Fevereiro ou na subida da Colina Sagrada:

**Dois de fevereiro** (CAYMMI, 2001)

Dia de festa no mar  
Eu quero ser o primeiro  
Pra salvar Iemanjá  
Escrevi um bilhete a ela  
Pedindo pra ela me ajudar  
Ela então me respondeu  
Que eu tivesse paciência de esperar  
O presente que eu mandei pra ela  
  
De cravos e rosas vingou  
Chegou, chegou  
Afinal o dia dela chegou

Gal Costa, Bethânia, Nana Caymmi e Baby Consuelo também interpretaram essa música. Caymmi refere-se à importância do presente para Iemanjá, uma tradição secular que movimenta a vida de milhares de baianos e visitantes.

**Lavagem do Bomfim** (RENNÓ, 1996: 346)

Sai da Conceição da Praia a primeira  
Talagada de batida na Praça Cairu  
Levanta a pista ao alto Lacerda  
Mais parece um corredor que envereda  
Um pista de corrida, correr pra o céu azul  
Olha a vertigem, Virgem Maria  
Te segura, criatura, que o dia  
Inda ta menino moço, o almoço inda ta cru  
Segura bem na mão da menina  
Poupa o coração, que só na colina  
Que o santo serve caruru

Timbau, pandeiro, som de guitarra  
Tanta roupa branca, tanta algazarra  
Zona franca de folia, de fé, de devoção  
Foto de lambe-lambe, alegria  
Vai passar pelo Moinho da Bahia  
Mais de trinta graus de calor, amor e emoção  
Lembra bem dos degraus da igreja  
Guarda um pouco de suor pra que seja  
Misturado às águas e às mágoas de lavar o chão

Gilberto Gil lê Salvador como diversidade cultural; tenta penetrar no sentimento humano quando se refere às relações de sincretismo religioso presentes no cortejo das procissões, ou mesmo nos rituais do caruru preparado por mulheres ligadas aos cultos afros, homenageando o orixá Oxalá. Também reconhece que o dia da Lavagem é um dia de festa maior na colina, para onde convergem a música e a dança.

**2.3** O poeta Ruy Espinheira Filho vê a cidade como a *Bahia de Todos os Amores e Dores*. Aborda os anos sessenta, os processos políticos, a literatura de Jorge Amado, os poemas de Jorge de Lima, a arte musical de Caymmi e ainda conta histórias da infância em seu próprio poema

dedicado à Bahia, que revela o sonho de ver o mar de perto. De acordo com o autor, a cidade de Salvador “era uma cidade sensual, cordial e aconchegante” (ESPINHEIRA FILHO, 1992)

Naquela década, as Universidades Federal e Católica influenciavam a vida intelectual do cidadão. Surgem movimentos artísticos como o Cinema Novo, liderado por Glauber Rocha, e os movimentos musicais que serviram de base ao tropicalismo. É também a época de ouro do teatro baiano. Na política, a Bahia viveu as tensões do golpe militar que deu início à censura nos vários campos da vida social, principalmente na cultura e na comunicação.

**2.4** O escritor João Ubaldo Ribeiro, numa crônica intitulada “A Bahia está ótima”, conversa com uma pessoa familiar e acrescenta: “Ah, as comidas são ótimas, só que eu não gosto de azeite de dendê, de maneira que fiquei assim meio sem graça, mas o homem também foi muito simpático desta vez, e eu comi uma moqueca com azeite doce, uma beleza, somente o tempero da Bahia podia dar aquele sabor. Se ai houvesse os ingredientes, eu fazia uma para você. Se sobrar dinheiro, eu compro uma lata de azeite doce aqui e levo para casa para fazer moqueca e também um troço chamado sarapatel, que é nojentinho porque é feito com as tripas do porco, mas a gente faz com filé de porco cortadinho, deve ficar muito melhor” (RIBEIRO, 1979).

**2.5** A cidade, na visão de Jorge Amado, é a de um mundo místico, sendo ele mesmo um dos gurus importantes. Em sua obra ele glorificou a Bahia por meio das personagens ora amigas e exóticas, ora inteligentes e lúdicas. Em *Dona Flor e seus Dois Maridos*, pode-se identificar a importância da cultura local misturando traços do sagrado e profano (AMADO, 2000). Também expressa as vivências nas barracas das festas populares, aparecendo os pratos preparados por Dona Flor. Em *Bahia de Todos os Santos*, o autor aborda as coisas da terra, as maneiras de ser e viver, mostrando os caminhos da cidade e fazendo um convite ao visitante para conhecer a magia do cotidiano. Ele lê a cidade e afirma que a Bahia é rica em festas populares – festa de rua, de igreja, de candomblé; todas elas guardam nossa marca original de miscigenação (AMADO, 2000:13-18,34,114,136).

### **3. BARRACAS DAS FESTAS POPULARES EM SALVADOR: MÚSICA DANÇA E CULINÁRIA**

As barracas surgem como uma espécie de suporte material das festas religiosas, atraindo devotos e fregueses para o consumo de comida, bebida e diversão. Entre quase meia centena de festas populares, espalhadas por toda a cidade de Salvador e seu Recôncavo, destacam-se as do Bonfim e a de Iemanjá pela dinâmica cultural dos populares nas barracas e sua ligação com o sagrado e o profano. Esta foi a razão da escolha para nosso objeto de estudo.

Mircea Eliade e Ordep Serra analisam a questão do sagrado e o profano. O primeiro enfatiza a situação do homem em um mundo saturado de valores religiosos, focalizando os processos de sacralização e dessacralização (ELIADE, 2001). Já o segundo, analisa algumas práticas das festas como o carnaval, a Lavagem do Bonfim e o Dois de Julho. Mostra como o sagrado e o profano se processam tanto em cima do trio elétrico, cantando o Hino do Bonfim, quanto nas barracas, onde há atrativos para comer, beber cantar e dançar e ainda, durante o cortejo da festa de Dois de Julho, o dia da Independência da Bahia. O autor também analisa o significado de festa de largo associada a uma igreja, para distinguir festa largo de festa de rua (SERRA, 2000). Em seguida, abordamos duas festas e suas barracas:

**3.1 A Festa do Bonfim** acontece numa segunda quinta feira do mês de janeiro, sendo precedida por um novenário. Neste momento instalam-se centenas de barracas na periferia da colina sagrada. Ali, baianas ligadas aos cultos afro-brasileiros, há mais de dois séculos, preparam



pratos típicos para o consumo de amigos, visitantes ou simplesmente de fregueses que apreciam a boa comida.

O Jornal A Tarde, o Diário de Notícias, as obras de Manoel Querino, Pierre Verger e Francisco Nilton Castro referem-se à vida das barracas durante as festas religiosas, acrescentando traços da culinária, música e dança. De acordo com Quirino, “a Bahia encerra a superioridade ou a primazia na arte da culinária do País, pois o elemento africano com sua condimentação requintada, alterou as iguarias portuguesas, resultando daí um produto nacional, saboroso, agradável ao paladar” (QUERINO, 1955).

Pierre Verger, um estudioso das culturas negras na Bahia, fotografou barracas no início da década de quarenta. As fotos revelam pequenas casas feitas com caibros e cobertas de lona, usadas em caminhões. Descreve que as laterais eram pintadas com cores claras, tendo na frente uma legenda com nomes sugestivos ou de um orixá. As fotos também mostram que, no interior dessas barracas, existiam: mesas forradas com toalhas brancas, cadeiras ou bancos de madeira, peças para servir as iguarias, filtro com água, símbolos dos cultos religiosos, panelas de alumínio ou de cerâmica com as comidas, sendo cobertas com pequenas toalhas bordadas. O chão era limpo e nas portas havia cortinas de croché. Do lado de fora ficavam os fogareiros de carvão para cozinhar os pratos típicos, de onde exalava o cheiro que atraía fregueses de todas as camadas sociais (A Tarde, 1946)16.

Os primeiros registros das barracas na Festa do Bonfim aparecem no final do século XIX. O Diário de Notícias expressa: “Enquanto a multidão rodeava a Praça em frente à Igreja do Bonfim aguardando a vinda dos ranchos e ternos, nas barracas de legendas expressivas, as baianas preparavam os afamados pratos e quitutes que na sua confecção atraino o mais exigente paladar” (1889)17. O Jornal A Tarde fala do movimento intenso das barracas na Segunda Feira da Ribeira, que acontece um dia depois do encerramento das solenidades do Bonfim. “As baianas quituteiras de primeira grandeza preparam os acepipes mais gostosos deste mundo: acarajé quentinho, abará, caruru, efó, feijão de azeite e de coco, moqueca de peixe, xinxim de galinha e vatapá” (1946)18. No ano seguinte, o Jornal A Tarde refere-se a outros pratos típicos: feijoada, mocotó, sarapatel, frango de molho pardo, frigideira de siri, camarão e caranguejo (1947)19.

Na parte externa das barracas, as pessoas se divertiam cantando e dançando ao som de vários ritos: *ijexá*, samba, melodias românticas e de cunho sensual. Fregueses, juntamente com barraqueiros, costumam fazer amizades por meio do copo e da conversa animada.

**3.2 A Festa de Iemanjá**, no bairro do Rio Vermelho, é diferente da do Bonfim. A Igreja não abre suas portas ao público em geral. É do lado de fora, na Casa dos Pescadores, que a multidão visita a estátua de Iemanjá, homenageando-a com presentes especiais. Durante o dia, ocorrem várias cerimônias com tambores por representantes dos cultos afro-baianos.

O espaço da festa é significativo, é um ponto de passagem que conduz as pessoas na direção Norte e Sul da cidade. São mais de dois quilômetros de extensão ocupados por barracas, além das ruas transversais. Algumas delas, as mais simples, pertencem a barraqueiros, moradores dos bairros vizinhos do Rio Vermelho. A maioria delas vem da festa do Bonfim. O Jornal A Tarde registra o movimento do consumo de produtos, fala dos custos para transportá-las de um bairro ao outro (1997), revelando não mais a presença de baianas, mas de pessoas que se dispõem ou tentam realizar seu trabalho durante o evento.

Até a década de 80, as barracas faziam parte das tradições dos baianos, havendo modificações. No bairro do Rio Vermelho, construiu-se um mercado com barracas fixas, que preparam, no dia-a-dia, pratos típicos. Além disso, grupos de amigos fazem festas privadas, que são identificados por camisas brancas pintadas com a imagem de Iemanjá. Eles se reúnem para homenagear o orixá das águas, e para comer, beber, cantar e dançar. Há ainda seis hotéis, que costumam fazer festas privadas no sentido de “agradar os turistas ou visitantes ali hospedados”.

Nesta mesma década, as barracas sofreram outra modificação, desta vez, na estrutura física. A Prefeitura Municipal de Salvador, sob alegação de higiene, as padronizou, rompendo toda uma tradição secular. Os barraqueiros perderam parte de seu prestígio em face da concorrência dos ambulantes.

Muitas baianas deixaram de trabalhar nas barracas, tentando firmar-se em pontos específicos de acarajé. A culinária feita com base no azeite-de-dendê sofreu modificações, popularizou-se com os *fast-foods*, diminuindo o encantamento que existiu no passado. A violência também tem contribuído para diminuir o número de barracas que vendem bebidas aos festeiros.

Cláudia Lima registra impressões de visitantes sobre a violência nas festas populares, o que tem afastado muitos frequentadores do divertimento nas barracas. Ela também aborda a contribuição dos negros em relação à cultura yorubá, sobressaindo-se na música; discute a beleza da escultura de Iemanjá feita pelo artista plástico Floriano Teixeira. (LIMA, 1997)

## CONCLUSÃO

As leituras que os escritores e artistas fazem da cidade é diferente das dos barraqueiros e seus fregueses; é a leitura do intelecto. Os barraqueiros “pintam” o retrato da cidade, falando do crescimento e crise do comércio. Já os fregueses contam histórias, fazem cultura, lembrando os ritos da música e da dança que marcaram época. Enfim, as barracas por si falam da tradição e retraditionalização de suas culturas, motivada pela dinâmica do capitalismo na forma do turismo.

Esta é a compreensão de nosso objeto de estudo em sua primeira versão numa tentativa de, a partir de diferentes leituras apontadas, chegar a uma visão de identidade.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Dona Flor e seus Dois maridos**. 48<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Record 1997.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2<sup>a</sup>. ed. Trad. De Mirian Ávila e Eliana Lourenço Reis. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1998.

CAYMMI, Stela. Dorival Caymmi: **O mar e o tempo**. São Paulo: Ed34, 2001.

CUCHE, Denys. Trad. De Viviane Ribeiro. Bauru: EDUD, 1999.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. De Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. **Bahia de Todos os Amores**. In CADERNO CULTURA. Jornal A tarde, 1992.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Como era gostoso o meu Brasil**. In: CADERNO FIM DE SEMANA. São Paulo: Jornal Valor, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Trad. De Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.



HALL, Start. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª.ed Trad. De Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LARRAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Zahar, 1986.

LIMA, Zelia Jesus de. Conceitos de Cultura. In: Revista (Caymmi, 2001)8.

LIMA, Cláudia. A Iemanjá de Floriano. CADERNO 2, Jornal A tarde, 1997.

QUERINO, Manuel. Costumes Africanos no Brasil. Salvador: Livraria Progresso, 1955.

RIBEIRO, Ubaldo. A Bahia está ótima. In: Revista Viver Bahia. Ano VI, No 47, 1987.

SERRA, Ordep. Rumores de festa: O sagrado e o profano na Bahia. Salvador: EDUBA, 2000.